

## SILENCIAMENTO E IMPOSSIBILIDADE DE ESCUTA EM ANDERSON

HERZER

*Eixo Temático ET 23 - Identidades e (Não)Representatividades de  
LGTQIA+ na Literatura, no Cinema, na Música e na TV do Brasil*

Caio Jade Puosso Cardoso Gouveia Costa <sup>1</sup>

### RESUMO

Nesta apresentação, exporemos algumas nomeações identitárias de Anderson Herzer no livro *A queda para o alto* (1982), a fim de compará-las com as nomeações atribuídas ao autor por seus prefaciadores. O objetivo dessas comparações é indicar como a masculinidade das autoneomeações de Herzer é negada ou modificada por seus prefaciadores, que preferem designá-lo a partir de nomeações femininas. Proporemos que a negação das autoneomeações de Herzer pode ser interpretada como um processo de subalternização e de silenciamento de sua voz autoral. Por fim, refletiremos sobre as impossibilidades de escuta das expressões de Herzer como um efeito da diferença entre as lógicas de sexo/gênero de seus prefaciadores e a lógica de vida do autor.

**Palavras-chave:** Autobiografia; Estudos de gênero; Transgeneridade; Literatura Brasileira.

### INTRODUÇÃO

Começaremos analisando a questão das nomeações identitárias em torno da autobiografia *A queda para o alto*, de Anderson Herzer. Este livro foi publicado em 1982 pela editora Vozes em uma parceria entre Lia Junqueira, advogada e presidente do Movimento em Defesa do Menor, que localizou e apresentou o caso da reclusão injustificada de Herzer para Eduardo Suplicy, então deputado estadual de São Paulo. Suplicy, por sua vez, ao saber dos poemas de Herzer e de suas qualidades artísticas

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo - USP, [cjpuosso@gmail.com](mailto:cjpuosso@gmail.com).

colocou-o em contato com Rose Marie-Muraro, uma das pessoas à frente da editora Vozes nos anos 80. A convite de Rose, Herzer incluiu em seu livro um relato dos anos que passou na FEBEM, a antiga Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor, atualmente conhecida como Fundação Casa. Em seu relato, encontramos uma variedade de crueldades sofridas pelas pessoas encarceradas na UE-3 Vila Maria, unidade onde Herzer ficou recluso por mais tempo. *A queda para o alto* (1982) foi publicado poucos meses após a morte do autor e logo tornou-se um fenômeno de vendas, ficando na lista dos livros de não-ficção mais vendidos em todo país.

Com a morte do autor, o título e a assinatura da capa do livro ficaram a cargo de Eduardo Suplicy, sendo o título uma sugestão de Carlito Maia, publicitário e amigo de Suplicy. Interessa-nos, nesta apresentação, observar algumas nomeações identitárias que Herzer confere a si mesmo em seus relatos e em seus poemas e compará-las com as nomeações que Lia Junqueira e Eduardo Suplicy lhe atribuíram nos dois prefácios que escreveram para o livro. Utilizaremos o conceito de nomeação identitária como atribuição de categorias que indicam condições de sexo/gênero em Herzer.

O primeiro trecho selecionado, conta sobre uma tomada de consciência de Herzer sobre a possibilidade de expressar sua masculinidade através de um modo de ser até então não explorado livremente por ele. O contexto dessa experiência é a FEBEM e sua observação estava voltada aos “machões”, colegas de internação de Herzer que agiam segundo comportamentos interpretados como masculinos e que mantinham relações afetivo-sexuais com outras internas.

Aquilo não me assustou, embora eu não soubesse de tal existência. De outro lado, sempre, desde a minha infância, eu tive um jeito de menino, chegando inclusive, numa festa familiar, a ser confundido com um garoto. Dentro de mim tinha um grande desejo de ter nascido menino. Portanto, para mim, pelo meu modo de agir, foi uma grande descoberta saber que para se ter uma mulher, para se vestir como um homem, não seria necessário ser um (HERZER, 1982, p. 65).

Notemos como Herzer usa as partículas identitárias que denotam gênero na frase “desde a minha infância, eu tive um jeito de menino, chegando inclusive, numa festa familiar, a ser confundido com um garoto”. O autor declara a consciência do seu “jeito de menino”, no masculino, que se repete na flexão de gênero da palavra “confundido”. A posição de fala não deixa dúvidas, tanto neste trecho como ao longo de todo livro, de que o autor se autoneia, preferencialmente, no masculino.

Nos versos de alguns de seus poemas, encontramos um sujeito poético masculino que reforça nossa interpretação acerca das autoneomeações de Herzer. No poema *Caminhos do perdão*, lemos: “Eu, um homem solitário, ancorado, como um veleiro sem turistas [...] Eu, um homem triste que se abandonou pra ser sozinho” (HERZER, 1982, p. 178); e no poema *O... poema a um pai adotivo*: “Mas pai.../Enquanto você for vivo/ eu vou escrever um livro/ pra dizer que não sou culpado” (HERZER, 1982, p. 200). Nos dois poemas, encontramos a linguagem flexionada no masculino e a presença de um sujeito poético que se nomeia como homem.

Estas autoneomeações identitárias entram em contraste com os prefácios de Eduardo Suplicy e de Lia Junqueira, que antecedem os relatos e poemas de Herzer em seu livro. Suplicy retrata suas percepções da masculinidade em Herzer em trechos como: “Herzer passou a se sentir e a se portar como se fosse homem” (HERZER, 1982, p. 12), indicando que reconhece a variação da expressão de Herzer como transgressora em relação à feminilidade que lhe foi designada ao nascer, e que foi esperada dele ao longo de sua vida.

A perspectiva de Suplicy sobre Herzer passar a “se sentir e a se portar como se fosse homem”, parece se aproximar da própria percepção de Herzer, como no trecho citado acima: “Portanto, para mim, pelo meu modo de agir, foi uma grande descoberta saber que para se ter uma mulher, para se vestir como um homem, não seria necessário ser um” (HERZER, 1982, p. 65). Tanto na posição de Herzer quanto na de Suplicy, o ‘ser homem’ aparece como algo não atingido por Herzer, mas as expressões de códigos nos trechos “se sentir e se portar”, “modo de agir”, “ter uma mulher” e “se vestir” são interpretados como masculinos.

Contudo, há uma diferença fundamental na percepção de Suplicy sobre Herzer que localizamos no uso do nome próprio do autor, nos pronomes pessoais de tratamento e nas flexões de gênero da linguagem. Suplicy relata manter o uso do nome de registro de Herzer contrariando sua autoneomeação, como vemos em: “Sandra Mara, como eu sempre a chamara, embora ela preferisse ser Anderson” (HERZER, 1982, p. 16). Nesta pequena frase, já podemos perceber como é explícita a preferência de Suplicy pela marcação de uma feminilidade na identidade de Herzer.

As percepções de Lia Junqueira aproximavam-se das de Suplicy na preferência pela marcação de uma feminilidade em Herzer e, na realidade, as influenciaram muito, pois foi Junqueira quem apresentou a história de Herzer para Suplicy quando ele ainda

estava encarcerado na FEBEM. O relato de Junqueira operou como um mito fundador da identidade de Herzer, pois parecia explicar as razões de suas expressões masculinas. Encontramos a história de Lia Junqueira citada no prefácio de Suplicy que abre *A queda para o alto* (1982), e, logo na sequência, no pequeno relato da advogada intitulado *Al Perderte*. Leiamos o trecho referente ao que chamamos de mito fundador da identidade de Herzer:

Sandrinha, de treze anos de idade, tão carente de amor, e que encontrou aquele rapazinho, que por ela se apaixonou. Seu apelido era Bigode [...] Sandra, que agora conhecia o amor, não podia deixar Bigode morrer. Assim, num passe de mágica, Bigode continuou vivendo através de Sandra e ela se transformou em todas as outras mulheres do mundo. As depressões são profundas nos momentos raros em que Bigode desaparece e Sandra tem que assumir Sandra. Por isso mesmo, ela policiava todos os seus momentos para impedir a ausência de Bigode (HERZER, 1982, p. 21).

A história do namorado Bigode não é contada por Herzer em seu livro. Em entrevista<sup>2</sup>, Suplicy relatou que Lia Junqueira havia escutado a história do namorado Bigode pela boca do próprio Herzer, e que a supressão dessa história no livro talvez se devesse a uma tentativa, por parte de Herzer, de não abalar a masculinidade que estava expressando na época da redação de *A queda para o alto*.

A forma do relato de Lia Junqueira nos revela uma perspectiva infantilizada e feminilizada de Herzer, contada por meio de uma espécie de fábula romântica do surgimento de sua identidade a partir da perda de seu amado. Notemos como a história de Junqueira atribui a masculinidade de Herzer a um processo de sofrimento pela perda de Bigode, como se a identificação com o objeto amado estivesse operando em substituição da perda deste. Encontramos um movimento psíquico similar descrito por Freud em *Luto e melancolia* (2013) ao mencionar o funcionamento da identificação do ego com o objeto perdido, que talvez seja a base implícita da interpretação de Lia Junqueira sobre Herzer.

Segundo Junqueira, a incorporação do objeto amado perdido ocorre em um passe de mágica, invertendo os papéis de sexo/gênero em ‘Sandra’ que se torna ‘Bigode’, que então buscaria em “todas as outras mulheres do mundo” a identidade ‘Sandra’ suprimida. O que seria dizer que um padrão da heterossexualidade se manteria tanto na identidade Herzer/Sandra, como em Herzer/Bigode. “Depressões profundas” surgiam, segundo Junqueira, quando Bigode desaparecia e Sandra tinha que dar conta

---

<sup>2</sup> Entrevista feita na Câmara Municipal de São Paulo em 09 de maio de 2019. Arquivo pessoal.

de si. A descrição de Lia Junqueira é um tanto complexa, ainda que elaborada através de uma fábula simplista e romântica, e não encontra corroboração nos textos do próprio Herzer. Supressão esta que ocorreria, para Junqueira, por meio de atos ininterruptos de policiamento de Sandra para não retomar a consciência da perda de seu objeto amado.

## **METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO**

Analisaremos a obra literária mencionada e seus prefácios a partir de uma perspectiva teórica decolonial que propõe que certas enunciações ou expressões de si têm sido sistematicamente apagadas e silenciadas tanto dos cânones do conhecimento quanto da própria convivência em sociedade. Com isso, esperamos que as nomeações de Herzer como uma entidade feminina sejam contextualizadas como uma lógica de dominação que visa silenciar as expressões masculinas e transgressoras do autor. Para isso, dialogaremos com duas teóricas que estudam expressões de vida que são silenciadas e exterminadas nos contextos sociais dominados pela lógica colonialista, isto é, por um sistema de sexo/gênero que não admite mais que duas possibilidades de vida, a saber, homem e mulher, e que se impõe como único, universal e necessário.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Vislumbramos algumas variações nas nomeações identitárias de Herzer e pudemos perceber a diferença entre a posição de Herzer ao se nomear no masculino e a posição de seus prefaciadores em nomeá-lo a partir de uma suposta feminilidade. Este fenômeno de fala e escuta ou de escrita e leitura é o movimento que dá título a esta apresentação e que aponta para processos de falha no sistema da comunicação. Com isso, queremos dizer que a expressão de masculinidade em Herzer muitas vezes é negada por seus prefaciadores, que preferem lê-lo como uma entidade feminina. Tendo em vista a localização de Herzer ao produzir o livro *A queda para o alto* (1982), a saber, menor de idade, de classe baixa, ex-interno da FEBEM e pessoa de sexo/gênero inconforme com as normas sociais de sua época, podemos aproximar seu texto autobiográfico da condição de subalternidade trabalhada por Gayatri Spivak no artigo *Pode o subalterno falar?* (2010).

Nesse texto, Spivak diagnostica, a partir do caso do suicídio de Bhuvaneshwari Bhaduri, que o “subalterno [...] não pode ser ouvido ou lido” (SPIVAK, 2010, p. 124), e que o “subalterno não pode falar” (SPIVAK, 2010, p. 126). Jota Mombaça estende as conclusões de Spivak sugerindo em uma performance que a impossibilidade da fala e da expressão do subalterno deva deslocar-se para o reconhecimento de um processo de impossibilidade escuta por parte das alteridades dominantes do subalterno, como podemos conferir no trecho abaixo:

Em lugar da pergunta sobre se pode ou não o subalterno falar, invoco outra: que ocorre quando umx subalternx fala? [...] Assim é que, no limite mesmo da minha pergunta, insinua-se ainda outra: pode um saber dominante escutar uma fala subalterna quando ela se manifesta?<sup>3</sup>

Dessa maneira, poderíamos refletir as nomeações de Herzer como feminino e que, portanto, negam sua autonegação masculina, como processos de falta de escuta das expressões de Herzer. Assim, transformamos certa impossibilidade imanente na fala e na escrita subalterna, do diagnóstico de Spivak, em responsabilização ética da falta de escuta por parte dos saberes dominantes, segundo a releitura de Mombaça.

Para a finalização desta apresentação, teceremos algumas notas e questionamentos sobre os processos de nomeação identitária. A começar pela retomada da crítica de Hija de Perra (2015) ao ser nomeada compulsoriamente como *queer* por não se enquadrar nas normas sociais de sexo/gênero de seu contexto, refletiremos como o ato de nomeação identitária aparentemente fixa processos de existência que estão em constante mudança. Hija de Perra aponta os riscos do *queer* tornar-se uma moda e uma norma. Existiria um movimento de capitalização da potência plural e não-identitária do *queer* que o converteria em seu oposto, a saber, a marca, a mercadoria. Nesse sentido, nomear Herzer de maneiras que ele próprio não apresentou para si mesmo pode ser uma armadilha para vendê-lo ou uma estratégia inconsciente de desejo de normalização de suas expressões inconformes de sexo/gênero. Assim, nomeações identitárias seriam plataformas de emancipação política e pessoal ou se tornariam cárceres dos movimentos do eu?

---

<sup>3</sup>Trecho de um dos textos dispostos em frente a um microfone à disposição da fala do público da performance “Todo ato de fala é um ato de cala” de Jota Mombaça, apresentada em Curitiba na VI Transborda – Mostra de performance e realizada pelo coletivo Água Viva Concentrado Artístico, em outubro de 2016. Arquivo pessoal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que certas expressões de vida, por não se conformarem às normas sociais hegemônicas, exigem do leitor/ouvinte um posição hesitante ou silenciosa no sentido da atribuição de nomeações. Haveria, para uma escuta atenta às diversidades, a necessidade de uma suspensão da lógica de nomeação cisgênera e colonialista que obriga que todas as vidas se enquadrem nos moldes de sexo/gênero homem/mulher. As masculinidades de Herzer, nesse sentido, podem ser compreendidas não como esforços de atingir um posto de hombridade reconhecido pela sociedade, mas como expressões que indicam que aquela existência não partilha da mesma lógica social que cria e regula os papéis homem/mulher.

Com isso, queremos propor que Herzer ventila lógicas de vida que não se encaixam nos modelos cisgêneros e que suas nomeações identitárias são mais como estratégias temporárias que permitem um jogo flexível com as palavras, um jogo que admite o movimento e a mudança como sistema de vida, diferente da fixidez e da estabilidade pressuposta e exigida pela cisgeneridade colonialista.

## REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

HERZER, Anderson. *A queda para o alto*. São Paulo: Círculo do livro, 1982.

PERRA, Hija. Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. *Revista Periodicus*, 2ª edição, nov. 2014 – abr. 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.